

**EDUARDO TUFFANI**

**ESTUDOS VITRUVIANOS: MANUSCRITOS, EDIÇÕES E TRADUÇÕES**

(SÃO PAULO: HVF REPRESENTAÇÕES, 1993)

VERSÃO REVISTA E ACRESCIDA DE UMA UNIDADE

**RIO DE JANEIRO  
2018**

## MANUSCRITOS, EDIÇÕES E TRADUÇÕES

### Manuscritos

Das 78 cópias existentes, há dezesseis principais, com base em que se desenvolveram diversas teorias genealógicas. As mais antigas, anteriores ao século XIII, encontram-se em Londres, Bruxelas, Leenwarden, Leiden, Paris, Roma, Sélestat, Wonfenbüttel e Madri. O manuscrito mais antigo é o Harleianus 2767 (século IX), do qual derivam dez principais.

#### Principais:

- E, Wolfenbüttel, Bibliothek Herzog August, Gudianus 132 Epitomatus (século X);
- G, Wolfenbüttel, Bibliothek Herzog August, Gudianus 69 (XI);
- H, Londres, British Museum, Harleianus 2767 (IX);
- S, Sélestat, Bibliothèque et Archives Municipales, Scletstatensis 1153b, nunc 17 (X);
- V, Roma, Bibliotheca Apostolica Vaticana, Vaticanus Reg. 1328 (XV) e
- W, Roma, Bibliotheca Apostolica Vaticana, Vaticanus Reg. 2079 (XIII).

#### Derivados do Harleianus 2767:

- L, Leiden, Bibliotheek der Rijksuniversiteit, Vossianus 88 (X);
- e, Madri, Biblioteca de El Escorial, Escorialensis III, f. 19 (XI);
- f, Leenwarden, Bibliothèque Provinciale de Frise, Franekeranus, B.A. fr. 51 (X);
- p, Paris, Bibliothèque Nationale, Parisinus 7227, XI-XII);
- P, Paris, Bibliothèque Nationale, Parisinus 10277 Pithoeanus (X);
- v, Roma, Bibliotheca Apostolica Vaticana, Vaticanus Reg. 1504 (X);
- l, Leiden, Bibliotheek der Rijksuniversiteit, Vossianus 107 (XI);
- b, Bruxelas, Bibliothèque des Ducs de Bourgogne, Bruxellensis 5253 (IX-XI);
- c, Londres, British Museum, Cottonianus Cleop. D. I (XI) e
- h, Londres, British Museum, Harleianus 3859 (XI-XII).<sup>1</sup>

As alterações sofridas pelo texto nas mãos dos copistas foram pequenas, e ele nos chegou praticamente sem lacunas ou, no máximo, com lacunas curtas, já que a sequência de assuntos permitiria identificar a omissão de algum trecho.

Os erros que se repetem em todas as cópias são importantes para a história do texto. Por meio deles, Johann Gottlob Schneider concluiu que todos os manuscritos existentes derivam do original através de um intermediário comum.<sup>2</sup> A genealogia das

---

<sup>1</sup> J.-P. Chausserie-Laprée, 1969, p. 348-349.

<sup>2</sup> Apud A. Choisy, 1971, t. 1, p. xvi.

cópias foi feita por Valentin Rose segundo a filiação de erros.<sup>3</sup> O tronco comum de I.G. Schneider se divide em dois ramos representados, um pelo Harleianus 2767, outro pelo Gudianus 69. A árvore continua com cópias de segunda ou de terceira mão tiradas dos dois ramos, principalmente de H. Os dois, objeto da recensão de V. Rose, apresentam as mesmas lacunas, os mesmos erros e a mesma transposição de folhas (VII, 6).<sup>4</sup> A idade de H basta para se refutar a opinião de Ch. Ludwig F. Schultz, que remontava ao século X a composição da obra.<sup>5</sup> Há controvérsia quanto ao local e à data da confecção de H: para V. Rose, foi na Alemanha no tempo de Carlos Magno.<sup>6</sup> O manuscrito parece, segundo Frank Granger, mais antigo ainda.<sup>7</sup> Cópias inglesas, como os Lindisfarne Gospels do século VII, derivam de outras vindas da Itália e foram escritas sob influência céltica. Com exceção de quatro folhas em branco e uma ilustrada de H, as demais não escritas trazem uma cruz no mesmo estilo das que precedem cada um dos Lindisfarne Gospels. O Codex Amiatinus de 541 apresenta semelhanças ortográficas com H, além do fecho *Deo gratias amen* nos Atos dos Apóstolos (*do gratias amen* em dois livros de H). Por outro lado, o purismo da escola carolíngia não teria permitido que o latim de Vitruvius nos chegasse como está em H, o que leva a crer que a cópia foi feita enquanto a língua era viva.<sup>8</sup> F. Granger também considera G uma recensão de H, e não uma tradição do original como V. Rose e Fritz Krohn pretendem.<sup>9</sup>

J.A. Hermann Degering, por sua vez, classificou os manuscritos em quatro famílias.<sup>10</sup> Para ele, como H e o antepassado dos dois Gudiani, E e G, S é uma cópia direta do arquétipo (X), e V seu descendente, ao passo que W representa um quarto ramo (EG/H/SV/W). Mais tarde, sendo impossível manter tal tese diante de novos fatos, H. Degering chegou à sua teoria definitiva: cinco famílias (EG/H/W/V/S).<sup>11 e 12</sup>

O mesmo estema foi retomado por Pierre Ruffel e Jean Soubiran em 1960.<sup>13</sup> Segundo eles, os escólios teriam sido conservados em EG, daí os seus textos mais longos, o que não se fez em H e nos seus descendentes.

O mérito de H. Degering, P. Ruffel e J. Soubiran foi terem reconhecido o valor de E, W, V e S, não se limitando apenas a H e G, como V. Rose e F. Granger, para a solução do problema. Em 1969, J.-P. Chausserie-Laprée retoma o modelo bipartido, acrescentando-lhe E, W, V e S.<sup>14</sup> Mantida a unidade EG, evidenciada em passagens mais longas, contrapõe-se-lhe o grupo formado pelos demais manuscritos (H, W, V e S), em

---

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>5</sup> *Untersuchung über das Zeitalter des römischen Kriegsbaumeisters Marcus Vitruvius Pollio*, herausgegeben von Otto Schultz, Leipzig, 1856 (apud W.S. Teuffel, 1881, p. 131).

<sup>6</sup> Apud F. Granger, 1967, v. 1, p. xvi.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*, p. xvii e xviii.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. xviii.

<sup>10</sup> Apud J.-P. Chausserie-Laprée, *op. cit.*, p. 351.

<sup>11</sup> Apud idem, *ibidem*, p. 352.

<sup>12</sup> Não mantivemos os estemas nesta versão, porque um texto desta natureza é muito dependente de bibliografia estrangeira, e, mesmo fazendo citação de autores, acabamos por considerar um excesso tal reprodução.

<sup>13</sup> “Recherches sur la tradition manuscrite de Vitruve”, *Pallas*, Faculté des Lettres, Toulouse, v. 9, n. 2, p. 3-154, 1960 (apud idem, *ibidem*).

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 354.

que tais trechos são breves. Assim, as cópias tiradas do arquétipo (X) não seriam cinco, mas duas ( $\alpha$  e  $\beta$ ), das quais derivariam duas famílias: HWVS e EG.<sup>15</sup> Porém, se  $\beta$  é o ancestral direto E e G, o mesmo não se pode dizer de  $\alpha$  em relação a H, W, V e S. A identidade de H com seus descendentes se manifesta na omissão *cuius iudicio probantur omnia* (I, 1, 1), impedindo-o de ser a fonte de W, V e S. Daí se conclui que de  $\alpha$  se originaram duas versões: H (LefpPvlbch) e  $\gamma$  (WVS).<sup>16</sup> Do mesmo modo, W, V e S não divergem diretamente de  $\gamma$ , já que, entre outras semelhanças, V e S apresentam a mesma lacuna correspondente a 180 linhas da primeira edição de V. Rose,<sup>17</sup> o que leva a se pensar na existência de uma quarta cópia hipotética ( $\delta$ ), fonte comum dos dois manuscritos.<sup>18</sup> S não se originaria diretamente de  $\delta$ , mas de um intermediário ( $\epsilon$ ); mais lacunoso, S corrompeu ainda mais o texto. Enfim, V e W também possuiriam cada um seu(s) intermediário(s) em razão das singularidades que apresentam.<sup>19</sup>

### A edição *princeps*

Por volta de 1470, Giovanni Sulpicio da Veroli lecionava gramática em Pádua, mais tarde, foi professor de literatura em Roma, escreveu estudos gramaticais e publicou autores latinos. Sua edição de Vitruvius aparece sem indicação de local, editor e data, seguida ou precedida pelo *De aquis* de Frontino. Depois edita Vegécio com local, editor e data (Roma: Eucharius Silber, 29 jan. 1487) e outra vez do mesmo modo em 23 de outubro de 1494. Seguem-se os *Strategemata* de Frontino da mesma forma sem o nome de Sulpicio em 3 de novembro de 1494. Com Lorenzo Valla e Giulio Pomponio Leto, publica Quintiliano (Veneza, 23 ago. 1494).<sup>20</sup>

A dedicatória ao leitor era comum na época: *SVLPITIVS LECTORI SALVTEM* (f. 1b).<sup>21</sup> Mas além desta, há uma outra: *RAPHAELI RIARIO CARDINALI: SANCTAEQUE ROMANAE ECCLESIAE CAMERARIO. IO. SVLPITIVS [sic] FOELICITATEM* (f. 3b).<sup>22</sup> Sobrinho-neto de papa, Raffaele Sansoni Galeotto Riario nasceu em Savona aos 3 de maio de 1451, tornando-se cardeal com 27 anos incompletos em 10 de dezembro de 1477. Sisto IV (1471-1484) o nomeou no lugar de seu sobrinho, Pietro Riario, de quem herda o nome Galeotto. Bispo de Óstia em 1511, envolveu-se numa conspiração contra Leão X (1513-1521), foi preso no Castelo de Santo Ângelo e, recebendo o indulto, vai a Nápoles, onde morre em 1521. Resta-nos saber quando se fez a dedicatória, sob Sisto IV ou depois (1484-1487). Durante o pontificado de Inocêncio VIII (1484-1492), ocorreu a guerra com Nápoles. E foi ao desfecho desse acontecimento que se associaram os cumprimentos de Sulpicio. Assim, a edição *princeps* se situaria em 1486, por ocasião da

---

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p. 355.

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*, p. 360.

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p. 361.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 364.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 364 e 366

<sup>20</sup> P. Thielscher, 1961, p. 481.

<sup>21</sup> Apud idem, *ibidem*.

<sup>22</sup> Apud idem, *ibidem*, p. 482. Posteriormente, tivemos acesso à edição *princeps*, porém mantivemos as referências de P. Thielscher em razão das características dessa edição de Sulpicio.

paz com Fernando, o Católico.<sup>23</sup> Em suas *Exercitationes Vitruvianae* (Pádua, 1739-1741), Giovanni Poleni defende tal posição, concluindo que a edição se deu em Roma em razão da permanência de Pomponio Leto.<sup>24</sup> Não menos nebulosa é a identificação do editor. Segundo Giovanni Battista Audiffredi, é Georg Herolt (*Catalogus historico-criticus Romanarum editionum saeculi XV*, Roma, 1783).<sup>25</sup> Modernamente, há duas tendências: uns optam pela tradicional (Roma: Herolt, 1486), como Francesco Pellati,<sup>26</sup> outros só admitem o que se sabe da primeira edição datada de Sulpicio (Roma: Eucharius Silber, 1487), posição germânica, como Curt Fensterbusch.<sup>27</sup> Levando-se em conta o que disse G. Poleni, foram definidas duas datas limites para a edição: 1484 e 1492.<sup>28</sup>

Segundo F. Granger, tanto Sulpicio como Fra Giovanni Giocondo (Veneza, 1521) se serviram do manuscrito Escorialensis II, f. 5 (século XV) para a confecção de suas edições, o primeiro manteve-se fiel à cópia, ao passo que o segundo, da mesma forma que Auguste Choisy, elaborou a tal ponto seu texto que acabou traindo o original em nome da correção.<sup>29</sup> Assim, a edição de Sulpicio sai do descrédito em que estava. Na verdade, mudaram-se os critérios de crítica textual.

### Outras edições

Em seguida à de Sulpicio, apareceram a de Florença de 1496, a de Veneza de 1497 e a de Fra Giocondo, que é um primeiro ensaio de edição crítica, muito superior às precedentes pela beleza tipográfica e acompanhada de 140 figuras, com as quais o editor tentou reconstituir as ilustrações originais perdidas, mas muito inferior à de Sulpicio pela infidelidade ao texto original, tendo Fra Giocondo corrigido e completado arbitrariamente os passos obscuros e as lacunas.<sup>30</sup> Citam-se também as de Estrasburgo (1543) *in officina Knoblochiana per Georgium Machaeropioeum*, de Guillaume Philander (Lyon, 1552), de Daniele Barbaro (Veneza, 1567), de João de Laet (Amsterdam, 1649), a edição e a tradução de Berardo Galiani (Nápoles, 1758), as edições de August Rode (Berlim, 1800), da chamada Bipontina (Estrasburgo, 1807), de J.G. Schneider (Leipzig, 1807-1808, 3 v.), que pode se considerar a primeira edição crítica, de G. Poleni e Simone Stratico (Udine, 1825-1830, 4 v.), as edições e as traduções de Luigi Marini (Roma, 1836, 4 v.), de L. Eugène Th. Tardieu e Louis Ambroise Coussin (Paris, 1837, 2 v.), de Désiré Nisard com tradução de Claude Perrault (Paris, 1846), de Ch.-L. Maufrais (Paris, 1847, 2 v.), de C. Lorentzen (Gotha, 1856, I-V) e a edição de V. Rose e Hermann Müller-Strübing (Leipzig, 1867), à qual se refere o *Index Vitruvianus* de Hermann Nohl (Leipzig, 1876), reeditada por V. Rose em 1899 (Leipzig: Teubner). Edição e tradução das mais elaboradas, importantíssima para o comentário técnico, com análise e figuras, foi feita por A. Choisy (Paris, 1909, 4 v.). A edição de F. Krohn (Leipzig: Teubner, 1912), ainda que corrija os

---

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, p. 482-483.

<sup>24</sup> Apud idem, *ibidem*, p. 483.

<sup>25</sup> Apud idem, *ibidem*.

<sup>26</sup> 1950, p. 495.

<sup>27</sup> 1981, p. 13.

<sup>28</sup> W.S. Teuffel, 1881, p. 131.

<sup>29</sup> 1967, v. 1, p. xxii.

<sup>30</sup> F. Pellati, 1950, *op. cit.*, loc. cit.

excessos de A. Choisy, também não prima pela fidelidade ao original.<sup>31</sup> Importante para a história do texto é a edição com a tradução de F. Granger (Londres, 1931-1934, 2 v.). Há também a edição e a tradução de Ugo Fleres (Milão, 1933, 2 v.). Os últimos trabalhos representam o equilíbrio a que se chegou tanto em edição como em tradução. O primeiro é o resultado da exegese do filólogo Silvio Ferri (Roma, 1960, I-VII), que não corrigiu o texto em nome da lógica e da arqueologia, seguido pela síntese de C. Fensterbusch (Darmstadt, 1964). Dos dez volumes planejados para a “Collection des Universités de France”, só saíram os três últimos, que completam o trabalho de S. Ferri: de J. Soubiran (Paris, 1969, IX), de Louis Callebat (Paris, 1973, VIII) e de L. Callebat e Philippe Fleury (Paris, 1986, X).<sup>32</sup> Temos ainda a edição de Laura Cherubini (Pisa, 1975).

## Traduções

Entre as traduções italianas, é notável a primeira, publicada em Como em 1521 por Cesare di Lorenzo Cesariano, completada por Benedetto Giovio e Bono Mauro, com abundante documentação crítica e exegética, correta e rica tipografia e beleza de figuras.<sup>33</sup> A primeira editada, mas não a primeira executada, porque antes de Cesariano, Vitruvius foi traduzido por Marco Fabio Calvo (o manuscrito está na Biblioteca de Mônaco)<sup>34</sup> e Silvano Morosini (o manuscrito está no códice Ottoboniano 1653 da Vaticana). Entre as outras traduções, além da de 1524 (Veneza), dita de Francesco Luci Durantino, mas que é uma réplica da de Cesariano,<sup>35</sup> mencionemos as de Giovanni Battista Caporali (Perugia, 1536, I-V), de D. Barbaro (Veneza, 1556), de Giovanni Antonio Rusconi (Veneza, 1590), de Baldassare Orsini (Perugia, 1802, 2 v.), de Carlo Amati (Milão, 1829-1830, 2 v.) e de Quirico Viviani (Udine, 1830-1832, 10 v.); as alemãs de Walter Hermann Ryff (Nuremberg, 1548), de A. Rode (Leipzig, 1796, 2 v.), de Franz Reber (Stuttgart, 1865) e de Jakob Prestel (Estrasburgo, 1912-1914, 4 v.); as francesas de Jean Martin (Paris, 1547), de Claude Perrault (Paris, 1673) e de Moreau de Bioul (Bruxelas, 1816); as inglesas de William Newton (Londres, 1771-1791, 2 v.), de William Wilkins (Londres, 1812, III-VI), de Joseph Guilt (Londres, 1826) e de Morris Hicky Morgan (Londres, 1914); as espanholas de Miguel de Urrea (Alcalá de Henares, 1582) e de José Ortiz y Sanz (Madri, 1787).<sup>36</sup>

---

<sup>31</sup> P. Gros, 1982, p. 662 e 664.

<sup>32</sup> Após o fechamento deste trabalho em 1990, foram lançados os sete restantes: de Ph. Fleury (Paris, 1990, I), de Pierre Gros (Paris, 1990, III; Paris, 1992, IV), de Bernard Liou, Michel Zuinghedau e Marie-Thérèse Cam (Paris, 1995, VII), de L. Callebat, P. Gros e Catherine Jacquemard (Paris, 1999, II), de L. Callebat (Paris, 2004, VI) e de Catherine Saliou (Paris, 2009, V). Com estes dez volumes, a CUF executou a mais alentada edição do *De architectura* de Vitruvius, jamais realizada com tal envergadura.

<sup>33</sup> F. Pellati, op. cit., loc. cit.

<sup>34</sup> Tradução hoje publicada: *Vitruvio e Raffaello: il “De architectura” de Vitruvio nella traduzione inedita di Fabio Calvo Ravennate*, a cura di Vincenzo Fontana e Paolo Morachiello, Roma: Officina, 1975.

<sup>35</sup> F. Pellati, op. cit., loc. cit.

<sup>36</sup> Podemos agora acrescentar as portuguesas de Helena Rua (Lisboa, 1998), de Marco Aurélio Lagonegro (São Paulo, 1999) e de Manuel Justino Maciel (Lisboa, 2006).

Neste elenco, deixamos de arrolar as traduções de divulgação, em geral não comentadas, que muito pouco têm a oferecer. Das que mencionamos, as informações quanto a data e local muitas vezes não coincidiam, o que nos exigiu um confronto com trabalhos mais profundos, no caso, Paul Thielscher e L. Callebat et al.<sup>37 e 38</sup>

## BIBLIOGRAFIA

BURN, John Southerden. *The Fleet registers: comprising the history of Fleet marriages, and some account of the parsons and marriage-house keepers, with extracts from the registers: to which are added notices of the My Fair, Mint, and Savoy chapels, and an appendix relating to parochial registration.* London: Rivingstons, Henry Butterworth, Edward Suter, 1833. Disponível em: <<https://books.google.gp/books?id=17lqAAAAMAAJ>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

CALLEBAT, Louis et al. (Ed.). *Vitruve: De architectura: concordance: documentation bibliographique, lexicale et grammaticale.* Hildesheim: Olms-Weidmann, 1984. v. 1.

CHAUSSERIE-LAPRÉE, J.-P. Un nouveau stemma vitruvien. *Revue des Études Latines*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, Les Belles Lettres, v. 47, p. 347-377, 1969.

CHOISY, Auguste. *Vitruve.* Nouvelle édition avec une préface par Fernand Pouillon. Paris: F. de Nobelle, 1971. 2 t.

Ver C. Fensterbusch em Vitruv, 1981.

Ver F. Granger em Vitruvius, 1967.

GROS, Pierre. Vitruve: l'architecture et sa théorie à la lumière des études recentes. In: AUFSTIEG und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung: Principat. Berlin: Walter de Gruyter, 1982. t. 2, v. 30.1, p. 659-695.

PELLATI, Francesco. Vitruvio. In: ENCICLOPEDIA Italiana di Scienze, Lettere ed Arti. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1950. v. 35, p. 493-495.

---

<sup>37</sup> 1961, p. 481-487; 1984, p. ix-xiii.

<sup>38</sup> Não é tão fácil elaborar um levantamento de edições e traduções, pois os que consultamos, dos mais simples aos mais completos, apresentam falhas que vão além de data e local, estendendo-se a nome, sobrenome, volumes e natureza de trabalho, edição ou tradução ou edição e tradução, isto em países que possuem melhores bibliotecas e longa tradição nos estudos clássicos. A tão mencionada edição de Robert Castell (Londres, 1730, 2 v.) nunca chegou ao prelo e teve origem numa citação equivocada da edição Bipontina, pois R. Castell não levou a termo a sua empresa, de que se faz citação em obras do século XVIII (J.S. Burn, 1833, p. viii).

TEUFFEL, W.S. *Histoire de la littérature romaine*. Traduit sur la troisième édition allemande par J. Bonnard et P. Pierson avec préface de Th.H. Martin. Paris: F. Vieweg, 1881. t. 2.

THIELSCHER, Paul. Vitruvius. In: PAULYS Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft. Neue Bearbeitung begonnen von Georg Wissowa fortgeführt von Wilhelm Kroll und Karl Mittelhaus unter Mitwirkung zahlreicher Fachgenossen herausgegeben von Konrat Ziegler und Walther John. Stuttgart: Alfred Druckenmüller, 1961. t. 9A, v. 1, p. 419-489.

VITRUVIUS. *On architecture*. Edited from the Harleian manuscript 2767 and translated into English by Frank Granger. London: William Heinemann; Cambridge, Massachussets: Harvard University, 1967. 2 v.

VITRUV. *Zehn Bücher über Architektur*. Übersetzt und mit Anmerkungen versehen von Curt Fensterbusch. 3. Aufl. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1981.